



## Amazônia em “O nome da morte”: uma caracterização dialógica<sup>1</sup>

Sue Anne Guimarães CURSINO<sup>2</sup>

Antônio Heriberto CATALÃO JR<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

### Resumo

Este trabalho objetiva contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “O nome da morte: a história real de Júlio Santana” escrito pelo jornalista Klester Cavalcanti. Para tanto, toma-se como referencial teórico-metodológico a teoria bakhtiniana da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006). Nesse sentido, entende-se a Amazônia como uma realidade semiótica construída, inventada e (re) estabelecida por meio de várias vozes – sobre diversos aspectos geográficos, humanos e sociais da região - que se articulam no âmbito de enunciado: o livro-reportagem.

**Palavras-chave:** jornalismo; dialogismo; Amazônia; reportagem; livro-reportagem.

### Introdução

Os estudos sobre as caracterizações da região amazônica, nos mais diversos campos da cultura, ainda fazem parte de uma tradição de pesquisa recente no Brasil. Como estudiosos desta área citam-se Gondim (1994), Dutra (1999) e Silveira (2004) que falam, respectivamente, sobre as representações da Amazônia nos discursos dos viajantes, nos meios de comunicação e na literatura de autores pré-modernistas, como Euclides da Cunha. É no sentido de fomentar esse campo de pesquisa que este trabalho objetiva contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “O nome da morte: a história real de Júlio Santana”, escrito pelo jornalista Klester Cavalcanti.

O livro é resultado de sete anos de pesquisa sobre a vida de um matador profissional, responsável por 492 mortes. Júlio Santana morava na cidade Porto Franco, situada no sul do Maranhão, fronteira leste da Amazônia Legal e no cumprimento de sua “profissão” viajou, de 1971 a 2006, por muitos lugares da Amazônia. Ao mesmo tempo em que são narradas as aventuras do biografado, também se apresenta uma Amazônia criada a partir de uma realidade mediada por meio da linguagem.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFAM, email: sueannegcursino@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



É no sentido de saber sobre tal caracterização que se aborda a construção da Amazônia como uma realidade semiótica estabelecida por meio da articulação de diversas vozes, como a de Júlio Santana, de personagens secundários e a do próprio autor. Assim, toma-se como referencial teórico-metodológico a concepção dialógica da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Este trabalho faz parte das atividades executadas no projeto “Amazônia em ‘O nome da morte’: uma caracterização dialógica” (PIB-SA/0066/2010), Paic, com apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Amazonas (Fapeam).

### **O livro-reportagem como enunciado**

Compreende-se aqui o livro-reportagem não como um “veículo” (LIMA, 2009, p.26), mas sim como um gênero do discurso cujo enunciado típico é produzido por meio de trabalhos de reportagem, materializado e difundido em livro; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JR, 2010, p.08).

Nesse sentido, entende-se os enunciados como as “unidades reais de comunicação” (FIORIN, 2008, p.20), independentemente de sua extensão. A partir desse entendimento, compreende-se a afirmação de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin ao dizer que todo enunciado é dialógico, uma vez que é um discurso vivo que deve ser visto em um contexto real e histórico de um dado campo comunicacional, pois: “Em todos seus os caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1988, p.88).

Dessa forma, Bakhtin e o “Círculo” concebem o dialogismo como o processo de interlocução entre enunciados que carregam a voz de outrem, pois é nas relações dialógicas que um enunciado demonstra os juízos de valores assumidos e dirigidos a outrem, uma vez que todo enunciado tem uma posição ideológica, autor-destinatário e permite a produção de uma resposta, seja de concordância ou não (BAKHTIN, 1988, p.86).

Assim, os diversos sujeitos assumidos pelo enunciador são resultados das interações de vozes que constituem uma realidade mediada semioticamente (FIORIN, 2008). Nelas, a posição assumida está em constante vir a ser, pois o sujeito é dialogizado em uma permanente luta discursiva na comunicação histórica e real.



## **Metodologia**

O livro-reportagem, que constitui o *corpus* da pesquisa, foi analisado como um enunciado onde as vozes do autor, do biografado, de documentos, parentes de vítimas, moradores da região amazônica e pessoas que tiveram contato com a personagem principal, dialogam. Assim, a Amazônia é tomada como uma realidade semiótica, como objeto constituído pela prática discursiva.

Deste modo fez-se a identificação de como o autor insere a voz de outrem no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), correspondentes a diferentes posicionamentos revelados nas apreciações e juízos de valor acerca do mesmo objeto.

Foi utilizado este procedimento em quatro etapas, cada uma dedica-se ao enfrentamento de uma questão particular. Primeiramente, estudou-se a caracterização que o autor assume em relação à região amazônica em seus aspectos físico-gerais. Em seguida observou-se a maneira como o autor se refere ao homem amazônico e a suas relações com o ambiente natural. Posteriormente viu-se como são caracterizadas as relações humanas e sociais na região amazônica e por fim abordou-se o modo como a Amazônia é situada no espaço territorial brasileiro e no mundo.

## **O autor e a natureza amazônica**

À medida que Klester Cavalcanti narra as aventuras de Júlio Santana, também caracteriza a natureza amazônica nos aspectos vegetativos, hidrográficos e climáticos.

O autor mostra a visão de que a natureza da Amazônia é selvagem, virgem, esplêndida e distante da urbanização. Desta forma ele também dialoga com outras visões, como a apresentada por Neide Gondim no livro “A invenção da Amazônia” (1994). Ao manifestar a visão que o estrangeiro tem sobre a região, Gondim conjuga idéias de que a região é vista como o “Eldorado”, a “Fonte de Juventude”, o “Paraíso Perdido” com a visão de que a região também é um “Inferno Verde”. Viana Moog (1936) também compartilha desta visão, declarando que a Amazônia representa o próprio conceito de contradição, uma vez que se constitui como lugar onde, ao mesmo tempo em que há fartura de alimentos, há fome.



O repórter compartilha da mesma visão de Gondim (1994) e Viana Moog (1946) ao descrever a região amazônica como um lugar belo e ao mesmo tempo abandonado pelo poder público. O autor declara, por exemplo, que a Amazônia é um lugar onde “povoados até hoje não possuem energia elétrica, água encanada, esgoto, escolas, postos de saúde” (CAVALCANTI, 2006, p. 19).

No entanto, a essa visão está ligada também a noção de que a região é um lugar de matas virgens, onde tudo é belo e exuberante, “um universo naturalmente belíssimo, habitado por animais fascinantes e forrado de árvores centenárias e rios que parecem não ter fim” (CAVALCANTI, 2006, p. 19).

Ao falar dos animais, o autor ressalta mais a existência de animais selvagens como macacos, preguiças e onças. No próximo trecho, o jornalista monta um cenário onde Júlio Santana e Cícero Santana conversam enquanto se banham no rio: “tucanos e araras não paravam de gritar. Ouviram até o esturrar de uma onça. [...] uma onça jamais entraria no rio para atacar uma pessoa. Muito menos na Floresta Amazônica, onde um predador daquele porte não teria dificuldades para encontrar alimento” (CAVALCANTI, 2006, p.25).

Outro elemento que ganha destaque na história é a caracterização da hidrografia da Amazônia, que é sempre narrada de forma romantizada, como mostra o seguinte trecho em que o autor compara o reflexo da lua no rio com amanhecer do dia: “Naquela noite, a lua cheia deixava a floresta totalmente iluminada. A luz da lua refletia no rio Tocantins, dando a impressão de estar amanhecendo” (CAVALCANTI, 2006, p. 23).

Os rios são mostrados como importantes vias de transporte. Tal característica individualiza a região, pois as viagens são longas, tanto pela condição das distâncias geográficas, quanto pela ausência de estradas e automóveis, como se vê no trecho: “Atravessaram o rio abordo de uma canoa que fazia o transporte de passageiros de um lado para outro. Caminharam mais uma hora mata adentro, até chegarem à casa de seu Jorge e dona Marina” (CAVALCANTI, 2006, p. 146).

Ao falar sobre o clima da região, o autor dá destaque às chuvas por meio da voz de Júlio: “o telhado feito de madeira e palha, não conseguia suportar a chuvarada que começava na noite anterior” (CAVALCANTI, 2006, p. 47). No entanto, também dá evidência ao calor da região, dizendo que a temperatura é cruel ao afirmar que “a floresta brilhava sob o sol inclemente” (CAVALCANTI, 2006, p.31).



Klester também afirma que as estradas eram ruins e causavam medo: “foram 170 quilômetros em estradas esburacadas” (CAVALCANTI, 2006, p. 176); “os solavancos fizeram com que o homem à sua esquerda caísse sobre ele [...] O veículo passava com as laterais lambendo as árvores, tão estreito era o caminho. [...] qualquer derrapagem jogaria o caminhão mata adentro” (CAVALCANTI, 2006, p. 177); “Era a primeira vez que sentia medo de morrer num acidente de carro” (CAVALCANTI, 2006, p. 178).

Por meio dos trechos destaca-se que as mudanças começavam a acontecer por causa do povoamento que aumentava na região, principalmente com aparição das primeiras estradas, dando sinal de que a urbanização chegava a alguns povoados. O jornalista também mostra que as condições climáticas, vegetativas e hidrográficas da Amazônia ajudam a fazer com que o tempo mude devagar. No entanto, também revela que a vida na região não é estática, confirmando-se assim que a visão apresentada pelo autor é de que a região é um espaço onde há contradição, pois sua natureza é caracterizada por meio da dicotomia paraíso *versus* inferno.

### **O amazônida e a natureza amazônica**

Ao frisar a própria posição com relação à natureza amazônica, o autor também mostra a atitude de outras personagens que nasceram, moraram e trabalharam na região. Nesse sentido, é possível perceber a existência de dois pólos que caracterizam as relações entre o homem amazônida e o meio ambiente. De um lado há a familiaridade, onde o homem aparece integrado à região como se fosse um elemento na sua constituição. Por outro lado, percebe-se a presença do homem distante da natureza, ou seja, um ser que se relaciona com os elementos naturais com estranhamento.

Quanto ao primeiro pólo, pode-se perceber sua veracidade no seguinte discurso indireto que mostra o conhecimento de Júlio sobre a Amazônia: “Pelo tamanho das marcas e espaçamento entre uma pegada e outra, Júlio deduziu que tinham sido deixadas por um homem de cerca de 1,80 de altura” (CAVALCANTI, 2006, p.86). Nesse trecho nota-se que Júlio Santana é tão integrado a natureza que sabe identificar a altura e gênero de uma pessoa analisando apenas pegadas nas matas do entorno do rio.

Outras ações de Júlio também o mostram como ser coeso à natureza amazônica, como mostra o trecho: “Em determinados pontos, a floresta densa e as folhas secas que forravam o chão dificultavam o trabalho do rapaz. [...] ele usava como referência para a perseguição galhos quebrados ou torcidos, indicadores de que alguém



passara ali” (CAVALCANTI, 2006, p.83). Júlio parece conhecer profundamente o habitat em que vive que é capaz de prever os perigos: “O rapaz corria como apreendera a fazer desde pequeno [...] mapeava a disposição das árvores nos dez metros seguintes [...] à procura de pegadas e de raízes maiores, que poderiam derrubá-lo” (CAVALCANTI, 2006, p.86).

No entanto, essa postura de conexão à Amazônia não é a única tomada pelos que vivem na região. No próximo recorte é possível perceber por meio do discurso de Júlio, como os migrantes tratam a natureza amazônica: “ele avistou um alvoroço desgraçado. Era gente para todo lado. Nem em Imperatriz nem em Xambioá tinha visto tamanha *balbúrdia*” (CAVALCANTI, 2006, p.178 grifo meu). Percebe-se pelo discurso de Júlio, que ele não estava acostumado com toda a movimentação, identificando-se assim que o amazônida se sente desconexo aos lugares que são tratados com indiferença e exploração por pessoas não nativas da região, como é percebido neste discurso indireto: “Júlio ainda olhava, abismado, para aquele *pandemônio*” (CAVALCANTI, 2006, p.178 grifo meu). Como se vê, é por meio dos termos “pandemônio” e “balburdia” que Júlio caracteriza com estranhamento o garimpo de Serra Pelada, referenciando-o como lugar onde as pessoas e as coisas estão misturadas de forma desordenada (HOUAISS, 2004).

No seguinte recorte mostra-se que o amazônida tem a caça como um dos principais meios de obter alimento e que, portanto, matar os animais para este fim já é um costume que não faz mal à natureza: “Mire no coração e imagine que você vai atirar num animal, numa caça. Mas atirar num homem causava incômoda estranheza ao rapaz. Não era como matar pacas, queixadas, macacos e veados, como Júlio estava acostumado a fazer para ter comida em casa (CAVALCANTI, 2006, p. 21-22).

A pesca também aparece como elemento na cultura alimentar dos povos da região: “Seu Jorge havia saído para pescar algo para o almoço” (CAVALCANTI, 2006, p.28). Com tanta familiaridade com a pescaria, Júlio fabricava os próprios materiais da pesca: “Júlio pegou o facão para preparar um galho de árvore que lhe serviria de arpão na pescaria” (CAVALCANTI, 2006, p.104).

Percebe-se também que o clima influencia na forma de obter alimento, pois tanto a caça quanto a pesca podem ser atrapalhadas pela chuva, como mostra este trecho: “Devido à chuva, nem seu Jorge nem Júlio tinham saído para pescar. Sem peixe em casa, a família comeu arroz com ovo” (CAVALCANTI, 2006, p.47-8).



Por meio do discurso sobre o clima da região, também se percebe a relação de admiração que Júlio tem pela chuva, descrevendo “a melodia da chuvarada sobre o rio e as árvores. Era um som constante, invariável. Irritante. Lindo” (CAVALCANTI, 2006, p.48).

Já para falar sobre o calor, Klester insere indiretamente a voz de Júlio que compara metaforicamente o clima do garimpo como a de um inferno ao afirmar que: “gostou de tomar seu refrigerante preferido naquele calor dos infernos” (CAVALCANTI, 2006, p. 184).

Assim, a vida do amazônida é contada de modo a mostrar muita influência dos aspectos naturais da região. A própria noção de tempo e espaço é mostrada ser diferente da que é vivida nas grandes cidades, como, por exemplo, se vê no trecho sobre a infância de Júlio: “aos 11 anos, o garoto já conseguia acertar um animal do outro lado do rio”, a uma distância de cerca de 100 metros (CAVALCANTI, 2006, p. 23). A idéia “do outro lado do rio” só tem significado naquele lugar, pois dá noção de distância.

Também é conhecendo os ciclos da natureza que se percebe o porquê nas estruturas das casas da região: “a casa de Ritinha, [...] havia sido erguida a quase 100 metros da margem do rio – uma garantia para os períodos de cheia” (CAVALCANTI, 2006, p. 50). Nesse sentido também nota-se em que medida é construída a relação cidade *versus* natureza, pela qual se toma conhecimento de qual espaço a cidade ocupa na região e como esta posição influencia na vida do amazônida, identificando-se novamente a visão paradoxal de que a Amazônia é bela por seus rios e matas, mas também é um local de atraso.

Todos esses fatores norteiam diretamente o conhecimento de mundo dos moradores da região, que por conta de viverem longe da urbanização não conhecem carros, helicópteros e até luz elétrica, como mostra o seguinte discurso de Cícero ao explicar para o sobrinho o que é energia elétrica: “Aqui, na cidade, tem um gerador de energia, movido a diesel. É essa energia que faz funcionar as coisas como geladeira e lâmpada. Entendeu?” (CAVALCANTI, 2006, p.63).

À medida que a natureza influencia a vida das pessoas da região amazônica, também molda diferentes tipos humanos. Assim, é visto que algumas pessoas aparecem mais integradas à região, defendendo-as, como mostra o seguinte trecho onde nota-se o cuidado que Júlio tem com os animais, mesmo os de caça: “Viu uma preguiça agarrada a um galho, e até pensou em abatê-la. [...] desistiu da idéia ao chegar mais perto e



perceber que o bicho tinha um filhote agarrado nas costas” (CAVALCANTI, 2006, p.98).

Por outro lado há homens que querem apenas explorar as riquezas da região, como é visto no seguinte trecho que mostra o desinteresse dos militares pela preservação da natureza: “entre as tarefas que [Júlio] recebia, a que mais o incomodava era derrubar árvores para ampliar a área de acampamento dos militares e para abrir uma pista de pouso para os aviões da FAB” (CAVALCANTI, 2006, p.110).

Enfim, Júlio Santana se mostra tão próximo da natureza que conhece profundamente a região de modo que se torna seu elemento constituinte. Por meio dessa sabedoria, sabe deduzir a duração de viagens, identificar o tamanho e gênero de uma pessoa por meio de rastro na floresta, prevenir perigos e como se postar na mata.

### **As relações humanas e sociais na Amazônia**

Ao mostrar os acontecimentos em “O nome da morte”, Klester Cavalcanti indica como são estabelecidas as relações sociais e humanas na região, mostrando valores priorizados pelos moradores, sejam eles nativos do lugar ou não. Tais valores são expressos nas posições assumidas pelas personagens, que interagem dialogicamente por meio dos enunciados e revelam importantes traços da sociedade ali existente.

A brutalidade é um dos principais itens que marcam as relações sociais, pois é usada para obter poder social, político, econômico e territorial. Tal realidade mostra que nas relações sociais travadas na região, o poder econômico se sobrepõe aos valores ideológicos ou direitos sociais, uma vez que mostra, por exemplo, o interesse dos moradores da região em aceitar subornos dos militares, apesar de também ajudarem os guerrilheiros, como é visto no trecho: “os rebeldes haviam conquistado a simpatia e a amizade de muitos moradores da região, que os ajudavam, comprando mantimentos e munição na cidade e até mesmo escondendo muitos deles em suas casas” (CAVALCANTI, 2006, p. 65).

Assim, fica clara a idéia de que a polícia, os bandidos e os moradores favorecidos com a corrupção ajudavam a manter tal realidade, como mostra o discurso direto a seguir, onde se vê que polícia e bandidos mantinham relações positivas: “Júlio repetia o que ouvia tantas vezes o tio dizer: ‘Por essas bandas, a polícia não se mete com pistoleiro’” (CAVALCANTI, 2006, p. 232). Assim, o discurso do autor sobre a polícia





é construído a partir dos discursos de Júlio e de Cícero que ecoam em um único enunciado.

Apesar dessa realidade de corrupção na profissão de policial, muitas famílias acreditavam que essa era uma das melhores opções de trabalho. Isso pode ser confirmado no trecho: “Cícero conseguiu convencê-los a autorizar a viagem do garoto, com o argumento de que aquela experiência poderia ajudar Júlio a entrar para a Polícia Militar. Para a família, era o melhor emprego que um rapaz nascido no interior da selva poderia ter” (CAVALCANTI, 2006, p. 62). A visão da família se justifica pela esperança de que o filho conseguisse oportunidade de melhorar as condições de vida, pois a região era carente de incentivos aos estudos, uma vez que ali era oferecido ensino somente até a 4ª série, e a falta de oportunidades de trabalho faziam com que alguns moradores mudassem de cidade, foi o que motivou o irmão de Júlio a deixar a vila: “Joaquim [...] havia deixado a casa dos pais aos 18 anos e viajado para São Luís, a capital maranhense, onde acreditava conseguir uma vida melhor” (CAVALCANTI, 2006, p.22).

Assim, percebe-se que a boa condição de vida é muito almejada na Amazônia. Nesse sentido, por meio do seguinte discurso de Cícero, vê-se que a “ganância” e “ambição” eram valores priorizados por homens que viam oportunidades de enriquecer explorando o garimpo: “a ganância e a ambição de todos os homens estavam criando intrigas que só eram resolvidas à bala” (CAVALCANTI, 2006, p. 174).

Dessa forma, a violência, em especial a vingança, é destacada como forma de resolver os conflitos sociais na região. Foi esse o porquê da morte de um pescador que estuprou uma menina, de um bebê assassinado pela mãe que acreditava ter sido traída pelo pai da criança e também a justificativa da morte de muitas mulheres, conforme o próprio matador afirma: “A maior parte delas teve a morte encomendada pelos próprios maridos, que acreditavam ter sido traídos” (CAVALCANTI, 2006, p. 199).

Porém, a violência também é utilizada para aumentar a desigualdade social sofrida por lavradores que ocupavam terras de fazendeiros ou pessoas que ainda eram mantidas como escravos, como mostram os respectivos trechos: “ele havia recebido 6 mil cruzeiros para assassinar um agricultor [...] a mando de um fazendeiro descontente com a invasão de terras por um grupo de lavradores” (CAVALCANTI, 2006, p. 175); “matou um menino [...], a mando de um fazendeiro [...] no Pará, que queria forçar um casal de trabalhadores escravos a voltar para a fazenda de onde fugira” (CAVALCANTI, 2006, p. 188 -9).



Por meio dos enunciados que falam sobre religião também se verifica que este é um forte elemento que constitui a ideologia nas relações sociais na Amazônia, uma vez que a religião ajuda a constituir a moral de muitas das personagens da narrativa. Isso pode ser percebido no seguinte discurso direto, onde a religiosidade aparece como um dos meios de estabelecimento de regras e também motivo que fazia Júlio não querer matar: “Se eu fizer isso [...] Deus vai me castigar. É capaz de eu ir para o inferno.” (CAVALCANTI, 2006, p. 37). Por meio do seguinte discurso, também percebe-se que o catolicismo é repassado de pais para filhos: “Assim tinha aprendido com os pais, ambos devotos de São Jorge e todo domingo iam à missa na igreja de madeira da comunidade” (CAVALCANTI, 2006, p.37).

Mas com o passar dos tempos, Júlio, aos 51 anos, não freqüentava mais a igreja aos domingos, agora ele passava o dia, que antes era “sagrado”, em casa (CAVALCANTI, 2006, p. 171). A esposa ia para o culto em uma igreja evangélica com a filha e o filho jogava futebol. Nota-se assim, que os costumes se modificavam aos poucos.

No entanto, a composição familiar ainda era tradicional, como é visto na comparação dos trechos sobre a formação da família de 1970 que mostra a família tradicionalmente constituída por mãe, pai e filho, e a família de Júlio em 2006, com a mesma composição: Júlio “vivia com a mulher e os dois filhos” (CAVALCANTI, 2006, p. 171).

Assim, vê-se que as comunidades amazônicas, mesmo de forma lenta, já sentiam os impactos da mudança física, cultural e tecnológica. A cidade mudava fisicamente e as pessoas também mudavam psicologicamente. Júlio, por exemplo, não frequentava mais a igreja todos os domingos como fazia na infância, porém ao cogitar mudar de cidade já refletia sobre os benefícios que as transformações iriam trazer e declarava: “aquilo, sim era vida. Não essa, de matador de gente” (CAVALCANTI, 2006, p. 203). Percebendo-se assim que as mudanças pareciam deixá-lo mais humano.

## **A Amazônia e o Brasil**

São trinta e cinco anos narrados em “O nome da morte”. Durante esse período é mostrado mudanças na geografia, na formação populacional e na tecnologia presente em várias regiões da Amazônia Legal. Mas como essa região é vista em relação ao



restante do Brasil? Há descompasso histórico na Amazônia? É neste sentido que são estabelecidas, aqui, as relações entre a Amazônia e o Brasil.

Klester Cavalcanti é recifense e teve oportunidade de conhecer vários estados da Amazônia, como: Amazonas, Pará e Roraima (CAVALCANTI, 2002). Na Nota do Autor em “O Nome da morte” ele monta o discurso de que a Amazônia é bela, porém deslocada do restante do Brasil. Outras vozes também confirmam essa idéia, como pode ser visto no discurso direto de um amazônida: “- Vá meu filho. Nós vamos sentir sua falta, mas aqui você não tem futuro. Vai morrer sem sair desse *fim de mundo*. – disse seu Jorge” (CAVALCANTI, 2006, p. 154, grifo meu).

Por meio desse discurso percebe que a realidade construída sobre a Amazônia é paradoxal, conforme pode ser visto na voz de Klester no trecho: “Desse mundo *fabuloso* e *inóspito*, saiu Júlio Santana, um brasileiro que passou a vida matando brasileiros” (CAVALCANTI, 2006, p. 19, grifo meu). A palavra “fabuloso” é usada para dizer que o local é maravilhoso, inimaginável; porém o autor também usa a palavra “inóspito” para afirmar que o lugar é inabitável e mal acolhedor (HOUAISS, 2004).

O motivo da viagem de Cavalcanti à Amazônia também revela que a região é pautada pelos meios de comunicação como um local onde não há leis, conforme pode ser visto na voz do próprio autor: “Para a referida reportagem [...] viajamos a várias cidades do Pará, à procura de pessoas que já tinham sido escravizadas e de fazendeiros que mantinham escravos em suas propriedades” (CAVALCANTI, 2006, p.15). Continuando a idéia de que a Amazônia é uma terra sem leis Klester faz a seguinte declaração: “Para quem conhece os bastidores da policia brasileira, infelizmente não é novidade observar essa relação amigável entre policiais e criminosos” (CAVALCANTI, 2006, p.16). Por meio dessa declaração o autor dá a opinião sobre a Amazônia e ainda a insere no Brasil, pois a existência da corrupção na região faz com que ela não seja diferente de outros estados.

A Amazônia Legal é apresentada como palco de um episódio importante para a história recente do país, a Guerrilha do Araguaia, porém os fatos mostram que há omissão do Estado frente à segurança e à dificuldade de identificação de corpos de cerca de 60 pessoas mortas na Guerrilha, como mostra o trecho: “Até hoje, Maria Lúcia Petit é a única pessoa do movimento rebelde que morreu em confrontos com as forças militares a ter o corpo exumado e identificado (CAVALCANTI, 2006, p. 141). A dificuldade de se resolver os problemas que não eram do interesse do Estado é comprovada por meio do trecho: “durante quase vinte anos, o corpo da guerrilheira que



Júlio matou no Araguaia permaneceu enterrado e esquecido no cemitério de Xambioá” (CAVALCANTI, 2006, p. 138)

Xambioá era um dos lugares onde mais havia policiais, porém tratava-se da existência de uma polícia corrupta e autoritária: “cerca de 4 mil militares atuaram na região-, faltava de tudo. Comida, bebida, cigarro, produtos de limpeza. Tudo o que havia de melhor nos pequenos mercados da cidade ficava com os homens do Exército, da Marinha e da FAB” (CAVALCANTI, 2006, p. 110). Com o recorte percebe-se que só os militares tinham direito sobre as melhores condições de vida, porém o trecho também mostra a precariedade no abastecimento comercial, na circulação da moeda e na distribuição de renda na região, resultando assim em desconhecimento do valor dos produtos, dificuldade de acesso a boas escolas, a atendimento médico e a produtos alimentícios, como mostra a declaração: “‘Coca-cola era coisa de gente rica’. Repetia seu Jorge” (CAVALCANTI, 2006, p. 74).

Apesar da expansão dos meios de comunicação no Brasil fazer parte das metas do Exército, os discursos encontrados em “O nome da morte” mostram que durante cerca de 20 anos os moradores da vila de Porto Franco não tinham acesso à informação, ao contrário de cidades próximas da comunidade: “Até aquele dia [Júlio] só tinha visto automóveis nas fotos das revistas que ganhava do tio [...]. Imperatriz tinha cerca de 15 mil habitantes. Ele nunca imaginara que poderia haver tanta gente num mesmo local” (CAVALCANTI, 2006, p. 62). Por meio desse recorte percebe-se que o senso de informação de Júlio se restringia ao local onde morava, uma vez que não imaginava que em outras cidades pudesse haver muitos habitantes.

No entanto, o atraso educacional na Amazônia também fazia com que a região continuasse atrasada, uma vez que não havia investimento nos estudos, como o trecho que afirma que na escola da antiga vila Porto Franco “ensinava-se até a 4ª série, que Júlio concluía aos 14 anos” (CAVALCANTI, 2006, p. 28).

Em 1982, o garimpo não oferecia estrutura digna para as pessoas viverem, pois as moradias não tinham boa estrutura, água encanada e pavimentação, como se vê a seguir: “Não havia uma casa sequer de alvenaria. Eram todas de madeira. E todas cobertas com lonas de plástico preto ou com tábuas” (CAVALCANTI, 2006, p. 178). Apesar dessas condições os homens “pareciam *ocupar cada palmo* daquela terra acinzentada” (CAVALCANTI, 2006, p.178, grifo meu). Toda essa movimentação se explica pelo termo “eldorado paraense”, como ficou conhecida Serra Pelada, que atraiu



“quase 80 mil garimpeiros [...]. Poucas cidades do Pará tinham tanta gente” (CAVALCANTI, 2006, p.174).

Além da visão sobre a Amazônia como “o eldorado”, havia também incentivos para que os nordestinos povoassem a região no período de exploração da borracha (SILVA, 2010) e também no período do “milagre econômico” no governo Médici (1969-1974), com o plano de integrar o lugar ao restante do país (COTRIM, 1999), principalmente com a construção da Transamazônica, que não chegou a funcionar de modo integral, mas que foi “idealizada pelo regime militar na década de 1970 para tirar a região do “isolamento” em relação ao Sul e ao Sudeste do Brasil” (NOGUEIRA, 2008, p. 82).

Assim, se percebe mais uma importância da Amazônia na história do Brasil, em especial a existência do garimpo que contribuiu para a diversidade de povos do lugar: “Havia jovens, velhos, loiros e negros. Os sotaques se misturavam” (CAVALCANTI, 2006, p. 177), mas há destaque também da região em relação ao mundo: “Júlio fez seu primeiro trabalho em Serra Pelada, que chegou a ser o maior garimpo manual do mundo, no Pará” (CAVALCANTI, 2006, p. 176).

Apesar dos conflitos políticos, humanos e sociais travados na Amazônia, mostra-se também por meio dos discursos, que no decorrer dos anos alguns lugares da região passavam por transformações no meio de transporte, na comunicação, no comércio, entre outros elementos. Além dos rios, a população já começava a usar as rodovias, apesar de serem precárias: “Para percorrer os cerca de 150 quilômetros que separavam Xambioá de Tocantinópolis, o jipe do Exército levou quase 5 horas, devido às péssimas condições das estradas [...] que ligavam um município ao outro” (CAVALCANTI, 2006, p. 145). No entanto, o transporte principal continuava a ser a navegação, como mostra Klester: “Grande parte do transporte coletivo local ainda é feito em pequenas embarcações” (CAVALCANTI, 2006, p. 177).

A casa em que Júlio morava também já era diferente da época da infância. A vila de Porto Franco passara a ser cidade e vivia desenvolvimento urbano, econômico e social, como mostra a voz de Júlio no discurso: “Vivia em condições muito melhores do que quando era garoto” (CAVALCANTI, 2006, p 199). Júlio tinha televisão, telefone celular e casa de alvenaria (CAVALCANTI, 2006).

Porém, é de grande relevância afirmar que por meio das histórias narradas no livro verifica-se que Júlio também atuou como pistoleiro em outros estados brasileiros, tendo passado “trinta e cinco anos matando gente Brasil afora” (CAVALCANTI, 2006, p. 244). Portanto, esse recorte revela-se que não eram apenas na Amazônia que



habitavam mandantes e vítimas dos crimes, uma vez que o matador “trabalhou” em vários lugares do país, concluindo-se que nesse quesito a Amazônia estreita relações com o restante do Brasil.

## **Conclusão**

Por meio deste trabalho pôde-se identificar e compreender como é construído o discurso sobre a Amazônia no livro “O nome da morte: a história real de Júlio Santana”. Identificou-se como Klester Cavalcanti caracteriza a natureza da região em seus aspectos vegetativos, hidrográficos e climáticos, individualizando-a pela idéia de que ao mesmo tempo em que a região é paraíso onde a fauna e flora são esplêndidas, também é um lugar onde as mudanças demoram a acontecer, por estar abandonado pelo governo.

Verificou-se também como são construídas as relações entre o amazônida e a natureza, constatando-se que as diferentes relações travadas no lugar constituem diferentes tipos humanos, onde se destaca a existência do homem que se identifica mais com a natureza e é conhecedor da região; por outro lado também existe o mais afastado, ou seja, aquele que vê a Amazônia com estranhamento ou com apenas interesse de explorá-la.

Pode se identificar dialogicamente como as relações sociais e humanas são estabelecidas na região, onde se vê a valorização da religião como valor importante para os amazônidas. No entanto, também nota-se que a violência aparece como meio para resolver os conflitos sociais e humanos e obter poder político, econômico e social.

Por fim, também se pôde traçar uma síntese de como a Amazônia é localizada com relação ao Brasil e ao mundo, identificando a região como parte importante para história do país, mostrando aspectos singulares da Amazônia e características que a tornam igual ao restante do Brasil, além de mostrar por meio das diversas vozes as precariedades e as mudanças lentas nos sistemas político, social, econômico, educacional e físico da região.

Foi neste sentido que se alcançaram a meta dos objetivos da pesquisa, considerando-se que a Amazônia, como reportada em “O nome da morte”, é resultado das vozes de personagens secundários, fotos, acontecimentos, documentos, impressões subjetivas do autor e memória da personagem principal. São posições que aparecem de forma direta ou indireta (explícitas ou implícitas), que interagem e resultam em um



entendimento dialógico, expresso por meio das vozes discursivas dotadas de juízos de valor sobre um determinado entendimento da Amazônia.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Martins Fontes. São Paulo. 2003.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo Best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. São Paulo.

CAVALCANTI, Klester. **Direto da Selva** – as aventuras de um repórter na Amazônia. Coleção "Vida de Repórter", Geração Editorial, São Paulo, 2002.

CAVALCANTI, Klester. **O nome da morte**: a história real de Júlio Santana. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história**, 8ª série, Saraiva, São Paulo, 1999.

DUTRA, Manuel S. **A Natureza da TV**: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta...Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero. 1994.

HOUAISS, Minidicionário da Língua Portuguesa/ organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.- 2.ed.rev e aum.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas** – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 2009.

MOOG, Vianna. **O ciclo do ouro negro**. Porto Alegre: Globo, 1936.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas** - boi-bumbá, ciranda e sairé. Editora Valer, Manaus, 2008.

SILVEIRA, Sirlei. **A Amazônia de Euclides da Cunha**: paraíso versus inferno. VIII Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.